

À sombra do convento de Cristo e do *debuxo feyto por mão de Castylho*: o processo de renovação da igreja da Misericórdia de Sardeal em meados do século XVI

In the shadow of the Christ convent and the debuxo feyto por mão de Castylho [design made by the hand of Castylho]: the process of renewal of the church of the Misericórdia of Sardeal in mid-16th century

RICARDO J. NUNES DA SILVA

Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, Instituto de História da Arte (ARTIS) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
School of Applied Arts of the Polytechnic Institute of Castelo Branco, Institute of History of Art (ARTIS) of the Faculty of Arts of the University of Lisbon

RESUMO

Por intermédio da investigação documental quinhentistas existente no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Sardeal, tornou-se possível clarificar um conjunto de incertezas historiográficas em torno do processo construtivo da igreja da Misericórdia, sobretudo, quanto à sua cronologia e os mestres envolvidos na respetiva empreitada. Desse modo, o elenco documental remanescente revela-nos que a reconstrução da igreja da Misericórdia sardealense partiu de uma traça elaborada por João de Castilho e a execução da empreitada ficou a cargo de Lucas Fernandes, do pedreiro natural de Coimbra, que arrematou a obra pelo valor de 120.000 reais.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura, João de Castilho, Lucas Fernandes, Misericórdia, Renascimento, Sardeal.

ABSTRACT

By means of the documental collection on the 16th century existing in the Historical Archives of the Santa Casa da Misericórdia of Sardoal, it became possible to clarify a set of historiographical uncertainties surrounding the constructive process of the Misericórdia church, above all, regarding its chronology as well as the masters involved in the respective contracting agreement. Thus, the remaining documental collection reveals that the reconstruction of the church of the Misericórdia of Sardoal proceeded from a layout elaborated by João de Castilho and the execution of the work was in charge of Lucas Fernandes, a mason born in Coimbra that finished the work by the amount of 120,000 reais.

KEYWORDS

Architecture, João de Castilho, Lucas Fernandes, Mercy, Renaissance, Sardoal.

PREÂMBULO

Um agradecimento ao diretor da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, Sr. João Carola, pela disponibilidade demonstrada por nos acompanhar durante o trabalho de campo e pelo acesso ao arquivo para a consulta do acervo documental. Aproveite-se o ensejo para efetuar um agradecimento a Fernando Grilo, Joana Balsa de Pinho e a Vítor Serrão pelas contribuições realizadas para a concretização deste trabalho.

O PROCESSO DE RENOVAÇÃO DA IGREJA DA MISERICÓRDIA DE SARDOAL EM MEADOS DO SÉCULO XVI

Em pleno centro histórico, a escassas ruas da igreja matriz, ergue-se a igreja da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal.



Fig. 1 – Sardoal, Igreja da Misericórdia

No local onde hoje está instalado o edifício assistencial sardoalense terá existido uma pequena ermida que, segundo narra a historiografia local, terá sido mandada edificar pelo rei D. Fernando I e pela rainha D. Leonor, em 1370 (MOLEIRINHO, F. C., 2001: 81; VALENTE, F, 2002: 23). Contudo, desta ermida nada resta. Posteriormente, conforme refere Costa Goodolphim, no mesmo espaço, como antecedentes do espaço da Misericórdia, edificou-se uma albergaria (GOODOLPHIM, C., 1897; PAIVA, J. P., 2003: 156) e um Hospital sob a denominação de Santa Maria (GOODOLPHIM, C., 1897; MOLEIRINHO, F. C. 2001: 39; PAIVA, J. P., 2003:185-186). Com efeito, em Santarém, no dia 7 de janeiro de 1437, o rei D. Duarte dirige uma carta às justiças de Abrantes onde:

(...) informa da situação jurídica de uma albergaria que fora instituída no Sardoal, por Lourenço Eanes e Clara Peres, sua mulher, assim como da doação que dela fizera a Afonso

Peres Cotrim, escrivão da câmara, e a todos os seus herdeiros, para que a administrassem juntamente com os bens que lhe estavam anexos, com a condição de mandarem dizer todos os anos cinco missas pela alma dos defuntos (...) (ANTT, Chanc. de D. Duarte, liv. 1, fl. 132-133, in DIAS, J. J. A, coord., 1998: tomo 2: 61-63).

E, quase meio século depois, na cidade de Évora, D. João II, na véspera de Natal de 1481, dirige uma carta aos juízes da vila de Abrantes, sobre administração da Confraria e Hospital de Santa Maria do Sardeal, onde afirma:

(...) após a realização de uma inquirição e da observação dos respectivos regimentos que aquela deve ser entregue aos confrades e mordomos da dita confraria e não a Diogo Gil, morador nesse local, que a solicitara ao rei, sob pretexto de não se governar de acordo com o regimento estabelecido pelos seus instituidores (...) (ANTT, Leitura Nova, liv. 3 da Estremadura, fl. 201-201v e PAIVA, J. P., 2003:185-186).

Deste conjunto, albergaria/hospital, nada se identifica, fruto sobretudo da renovação arquitetónica a que o edifício foi sujeito, provavelmente, nos finais do século XV ou início do século seguinte. Todavia, dessa campanha de obras, conserva-se, ainda hoje, na fachada lateral do lado da epístola, um portal composto por um arco acarelado com romãs inscritas nos pequenos arcos. Contudo, o edifício que hoje se ergue corresponde a outra realidade. De sobriedade estrutural, o edifício, construído entre 1550 e 1552, é composto por uma nave única e capela-mor, todavia, apesar de toda a sua simplicidade, este espaço assistencial destaca-se pelo seu portal principal, de gosto renascentista, que, ao pautar a fachada, mostra-nos um fino talhe de pedra e revela-nos uma mão segura na modelação das formas.



Fig. 2 – Sardeal, Igreja da Misericórdia, interior

Se hoje temos certezas quanto ao processo construtivo e quais os seus respetivos intervinientes, o facto é que nem sempre estas realidades foram claras. Durante décadas, a

historiografia apontou 1511 como sendo o ano da construção do edifício, apoiando-se sobretudo na data que se encontra cronografada numa das pilastras do portal.

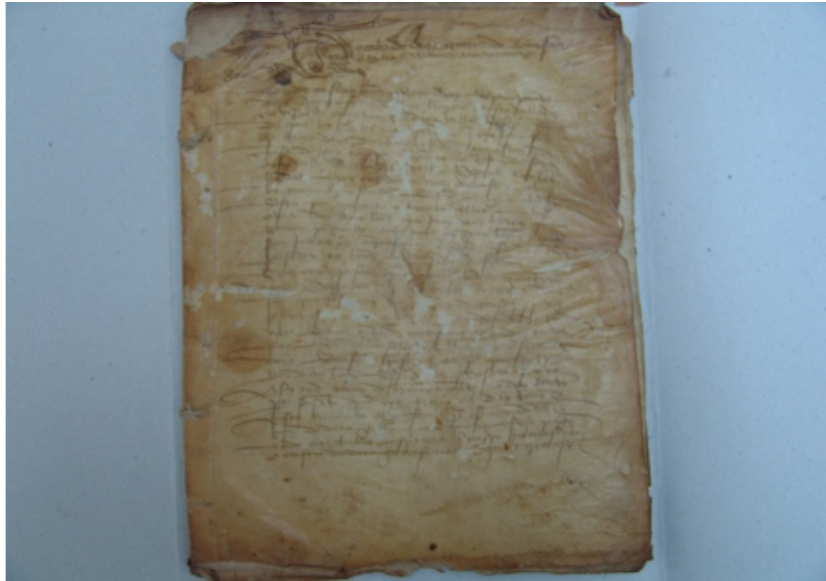


Fig. 3 – Sardoal, Igreja da Misericórdia, portal, cartela

Este facto levou que a igreja da Santa Casa da Misericórdia da vila de Sardoal se enredasse num conjunto de incertezas e equívocos historiográficos. Todavia, por intermédio da documentação remanescente, que hoje se encontra depositada no arquivo da Santa Casa da Misericórdia sardoalense, podemos afirmar que a data de 1511 não tem qualquer correspondência com a realidade histórica, aliás, como também intuiu Lurdes Craveiro (CRAVEIRO, M. L., 2004), embora tivesse apontado que a construção da igreja pudesse balizar-se entre as décadas de 1530 e 1540 (CRAVEIRO, M. L., 2009: 117). A autora refere a existência de um logro quer a propósito da capela dos Mareantes, em Caminha, quer da igreja da Misericórdia do Sardoal, ambas com datas patentes de 1511, salientando que a historiografia quis ver uma «expressão pioneira em Portugal dos labores “ao romano” aplicados à arquitetura (...)» destes espaços arquitetónicos (CRAVEIRO, M. L., 2004:70). Por acréscimo, também a autoria do portal foi alvo de considerações, tendo a historiografia atribuído a obra do portal renascentista a Nicolau de Chanterene ou a algum dos seus discípulos (VALENTE, F., 2002: 23). Ora, como referimos, o edifício, que hoje observamos, é fruto de uma renovação que ocorre entre os anos 1550 e 1552. A documentação remanescente possibilita reconstituir grande parte do processo administrativo e projetual desta obra, assim como esclarecer o envolvimento de João de Castilho, então mestre das obras do convento de Cristo e dos pedreiros Lucas Fernandes, natural de Coimbra, e Gaspar Dinis, João Fernandes e Diogo Fernandes, estes moradores na vila do Sardoal.

O início do processo para a realização das obras no edifício da Misericórdia de Sardoal ocorre no período em que na vila de Tomar, João de Castilho, então mestre das obras do convento de Cristo, se encontra envolvido na execução do “Noviciado” do complexo monástico da Ordem de Cristo e da ermida de Nossa Senhora da Conceição. Os factos de ser este a figura mais destacada do panorama construtivo do tempo e a empreitada do convento de Cristo, a mais emblemática, levaram a confraria da Misericórdia sardoalense a procurar os préstimos de João de Castilho e da sua oficina. Decorria então o ano de 1550, quando, por determinação régia, a Misericórdia de Sardoal se encontrava privada de dispor dinheiro, quer na compra de rendas quer de propriedades (MATOS, J. J. L. C., 2010:11). A documentação revela que, na primeira metade do século XVI, a Santa Casa

da Misericórdia de Sardoal detinha um património de relevo, facto que se pode observar pelas alienações que se vão realizando ao longo dos anos para fazer face às despesas correntes, mas também para aquisição de bens artísticos para a “casa” (MATOS, J. J. L. C., 2010: 11). Assim, face à ordenança régia, mas com alguma soma pecuniária, a confraria investe na renovação da sua casa da Misericórdia. A 27 de abril de 1550, o provedor, irmãos e confrades desta acordaram em realizar uma larga despesa para a aquisição de:

(...) hum pontifycall de damasquo brãoquo, haviastre de sytym avylutado cremisim e com as gornisões, hum frontall do mesmo, item duas toalhas de Frãodes, item hum calis de prata dourado com suas capaynhas, item humas galhetas de prata, item huma caixa de veludo preto de dous peles pera tumba com sua crus de sytym brãoquo com sua gornysão e seu mauto pera debaycho e todo nesaryo pera dita tumba, item huma bamdeira conforme a de Lysboa, item que se leve a crus de prata pera dourar (...) (ASCMS, L1MS, fl.81, in MATOS, J. J. L. C., 2010: 82).

Pela leitura e análise do livro das atas da confraria, sabemos que o complexo da Santa Casa tinha a necessidade de obras urgentes. Para tal, a 27 de julho, determinou-se, após reunião entre os confrades, que alguns homens da vila do Sardoal se deslocassem a Tomar para «pydyr a Joam de Castylho que quysese vyr a esta vylla por amor de Noso Senhor a ver esta casa ou mandar hum ofyçyall que elle confiase pera com seu conselho se fazer esta obra (ASCMS, L1MS, fls. 83v – 84). No seguimento do documento anterior, a ata da confraria de 17 de agosto, revela que Castilho, então já com uma idade avançada, pois as assinaturas que o mestre efetua mostram uma clara debilidade física, não se deslocou ao Sardoal. Em seu lugar, enviou dois dos seus oficiais, cujos nomes, a ata não adianta, que «vyrão ha obra e oulharão ho que lhe melhor parecyra e elles deram disso parecer a Joam de Castylho e nos mandou a traça della e sua detrymynaçã» (ASCMS, L1MS, fls. 84v – 85).

O registo da reunião dos confrades da Misericórdia sardealense fornece alguns dados que permitem perceber os contornos propostos pelo traçado elaborado por João de Castilho. Pelos dados disponíveis é possível saber que o antigo edifício teria outra orientação. O novo projeto, que é agora proposto pela oficina de João de Castilho, leva a que se proceda ao derrube da antiga capela-mor e, nesse mesmo local, para além da criação de um terreiro, deve-se erguer a fachada principal do edifício com a instituição de um novo portal, todo ele executado em pedra de Tomar: «o portall pryncipall se faça no arco da capella que agora hé e que ha capella se derube e se faça nella hum tyreyro com huns degraus pera ha rua» (ASCMS, L1MS, fl. 85). Do mesmo modo, determina-se que a nova capela-mor, a construir no lado nascente, passe a ocupar o lugar onde se encontram as casas que foram de Álvaro Casal: «que se mude a capella pera has casas que foram d’Allvaro do Casal». A par desta mudança, o projeto ainda contempla a construção de uma sacristia, enfermaria e de uma nova capela, «hasy e da maneyra que está no debuxo feyto por mão de Castylho que en mão do provedor» (ASCMS, L1MS, fl. 85). A sacristia e a enfermaria eram dispostas paralelamente à igreja, adotando assim uma das tipologias consagradas às igrejas de Misericórdia como já foi desenvolvido em tese de doutoramento (PINHO, J. B., 2013: 277-278). Apesar do traçado ter sido executado por João de Castilho, a obra não ficou a seu cargo, nem de qualquer outro dos seus colaboradores. A construção deste edifício, para ser executado em regime de empreitada, foi apregoada pelas vilas de Abrantes e Tomar, mas caso ninguém tomasse a obra de empreitada, a Misericórdia deixou em ata que o trabalho realizar-se-ia por administração direta em sistema de jorna.

No último dia de agosto de 1550, os confrades deliberaram o processo de escolha do pedreiro que iria erguer o edifício, assim como o respetivo custo da obra e as condições gerais da empreitada. Ao processo de arrematação compareceram oficiais de Tomar, o

pedreiro Lucas Fernandes, dito natural de Coimbra, e um tal Gaspar Dinis, este natural da vila do Sardoal (ASCMS, L1MS, fls. 85v, 86). Este pedreiro encontra-se documentado nas obras da igreja da Misericórdia de Abrantes (CORREIA, V, 1949: 269; SERRÃO, V., 2011: 641 e PINHO, J. B., 2012: 247), que decorrem entre 1529 e 1548. Acabando Gaspar Dinis por executar o portal lateral renascentista, onde inclui uma cartela com a inscrição «Gaspar Dinis a fez». Sobre este edifício, há um conjunto largo de referências (GOODOLPHIM, C., 1897; CÂNCIO, F., 1939; OLEIRO, D., 1952; SOUSA, A.S., 1966; SILVA, J. C., 2002; CAMPOS, E., 2002; MORATO, M. A., e MOTA, J., V. F., 2002). Em 1754, Jacinto Serrão da Mota, no seu manuscrito intitulado, *Memórias restauradas do antigo lugar e Villa do Sardoal*, dá-nos conta de algumas destas notícias, revelando ter consultado os livros de contas da Misericórdia. O pedreiro Lucas Fernandes pode ser o mesmo que se encontra documentado como imaginário num assento de batismos, de 1553, da paróquia de São Tiago de Coimbra: «Item a xxx dias do dito mes mayo da sobre dita era se bautizou (espaço em branco) de lucas ferz maginario e de Branca Nunez sua molher» (AUC. III, 1510-1569: fl. 126v). Caso se trate efetivamente da mesma personagem, podemos questionar se este pedreiro/imaginário não se encontra associado ao círculo artístico do imaginário João de Ruão (CABRAL, A. M. F. P., 1932:12). É mencionado na ata da confraria do Sardoal que os oficiais de Tomar (ata não indica os seus nomes) terão realizado um «lanço de cento e vynte mill reais com seu ho portall da pedra de Tomar posta em Tamqos e asy ho cruzeyro e degraos de pedra da terra e a misericordia ser obrygada aramqar esa e pola ao pé da obra». Também Gaspar Dinis, «pydreyro haqy morador fyzera» outro lanço com as mesmas condições, mas num valor de cem mil reais.

Antes da decisão final, Lucas Fernandes faz um lanço de 120.000 reais pela execução da obra com o seu portal de pedra de Tomar, posta em Tancos, e o cruzeiro e os degraus, em pedra do Sardoal, que deveria ser extraída à custa da Misericórdia. Por sua vez, Gaspar Dinis cobre as condições apresentadas pelo pedreiro de Coimbra, mas refere que executa a obra pelo valor de 100.000 reais. Contudo, esta acaba por ser arrematada pelo pedreiro Lucas Fernandes, após realizar um último lanço, com condições que a confraria achou serem as melhores, aliás como veremos seguidamente. Desse modo, o pedreiro, natural de Coimbra, tomou sob a sua mão a empreitada pelo valor de 120.000 reais, cabendo-lhe executar, segundo as determinações do pregão, o arco do cruzeiro e o portal, tudo em pedraria, comprometendo-se ainda fazer a obra do portal e arco em pedra de Coimbra, trazida toda à sua custa pelo rio de Codes, hoje conhecido como ribeira de Codes, um afluente do rio Zêzere, que corre a escassos quilómetros do Sardoal:

foy dito que ele fazya lanço na dita obra com as condiçoyns já ditas com tall deccaraçam [...] onde os outros fazyão ho portal da pedrerya de Tomar ela ha querya fazer ho arco do cruzeyro e o portado tudo da pedrarya de Coymbra posta a sua custa no rio de Codes (...) (ASCMS, L1MS, fl. 86).

Para além do compromisso declarado por Lucas Fernandes em cumprir o estabelecido pelos outorgantes, este mesmo pedreiro terá ainda apresentado um desenho que modificou o projeto do portal e arco triunfal traçado por João de Castilho, facto que se pode perceber pela leitura da respetiva ata: «(...) segundo amostra do portado e do cruzeyro que ele faz [Lucas Fernandes] ha quall tem mais obra que as outras hamostras [traças de João de Castilho]» (ASCMS, L1MS, fl. 86 e 86v). Desconhecemos qual a dimensão das modificações propostas ao risco inicial de Castilho.



Fig. 4 – Sardoal, Igreja da Misericórdia, portal

Composto por um arco de volta perfeita, ladeado por pilastras onde se inscreve uma clara decoração de grotescos, com cartelas, elementos fitiformes e pequenos músicos, o portal assume um risco claramente clássico com recurso à tratadística, sobressaindo o discurso gráfico das *Medidas del Romano* de Diego de Sagredo. Essa utilização é evidente, principalmente no modelo de pequenas colunas adossadas aplicadas ao portal.



Fig. 5 – Sardoal, Igreja da Misericórdia, portal, coluna

Na parte superior, o arco ostenta dois *tondi* e sobre o entablamento erguesse a edícula com a iconografia da *Mater Omnium*, tema também conhecido como Senhora do Manto ou Nossa Senhora da Misericórdia. A rematar toda a estrutura do portal, encontra-se um medalhão da irmandade ladeado por dois óculos.



Fig. 6 – Sardoal, Igreja da Misericórdia, portal, *Mater Omnium*

Como referimos, a documentação sugere que o projeto do portal e arco triunfal traçado por João de Castilho terá sido alterado por Lucas Fernandes. Observando o modelo utilizado, a tipologia escultórica que cobre as pilastras, os *tondi* e a representação típica da *Mater Omnium* (SERRÃO, V., 1998; SERRÃO, V., 2011:650), apontamos para uma linguagem que se aproxima ao discurso efetuado pelo ciclo oficial do imaginário coimbrã João de Ruão. Caso este facto se comprove, torna-se possível colocar Lucas Fernandes junto do ciclo artístico ruanesco.

Em 1551, a 5 de julho, encontramos outras informações sobre o que se devia executar no edifício. Nessa data, os mesários deliberaram o modo como devia ser construído o interior: «visto como esta hobra desta casa está começada (...) da pedrarya d'alvenarya», determinou-se que se fizessem de bordos as portas principais da igreja, se «fyzese coro e forase toda a igreja de bordos e asy portas d'henfermaria do mesmo foro de bordos». Foi ainda determinado que toda a obra, interior e exterior, «fyque branqua e bem feyta, e que se faça huma vydraça pera a capella de cores e feguras» (ASCMS, L1MS, fl. 88).

No início do ano de 1552 voltamos a encontrar notícias relativamente às intervenções no acesso ao espaço da Misericórdia e sua respetiva envolvente. Todavia, as obras que se seguem já não são da responsabilidade de Lucas Fernandes, mas sim de Gaspar Dinis. A notícia data de 2 de fevereiro de 1552 e trata do acordo que os mesários realizam com os pedreiros Gaspar Dinis, João Fernandes e Diogo Fernandes para a execução da empreitada dos «degraos da porta pryncypal desta Casa», especificando-se que «hão-de ser de três hentradas com o seu taboleiro em çima e serão quantos forem neçeçaryos». Acrescente-se a realização de um tavoleiro com a largura de oito palmos. Refere ainda o documento de Obrigação que todos os degraus «hão-de ser de pedrarya dos Cabeços das Mós e serão de pedra rija». Tendo os irmãos da Misericórdia a seu cargo todas as custas e responsabilidade de trazer a pedra dos degraus da pedreira até à obra e darão mais a

cal, areia e «saybro que lhe neçaryo for he pedra para seu talhar e tudo posto ao pé da hobra». Por seu lado, os pedreiros encontravam-se obrigados a fazer toda a obra até os degraus «serem asentados e aquabados e darão a servenya e asy d'agoa e cal», devendo ainda limpar todo o entulho e fazer a calçada necessária. Toda a obra ficou orçada em 12.000 reais. O projeto foi realizado sob provedoria de Gil Vaz, cavaleiro, e contou com as seguintes testemunhas, moradoras no Sardeal: Pedro Afonso, hospitaleiro, Álvaro Fernandes, carpinteiro, e Sebastião Dias. (ASCMS, L1MS, fls. 396v-398). A 19 de março do mesmo ano, voltamos a observar uma adenda contratual à determinação anterior, tudo por motivos de acessibilidade e mobilidade: «por acharem que são muito necessários pela maneira correnteza que tinha a rua e ficariam os degraus muito íngremes». Assim, de modo a evitar a inclinação excessiva da escadaria, os pedreiros foram obrigados a «Fazer mais tres degraus pela banda de syrna todos torniados alem dos cinco que erão obrigados», tudo sob o custo de mais 5.000 reais. (ASCMS, L1MS, fls. 398v-399). No dia 8 do mês de maio de 1552, «por ora eles hos ditos degraus serem de todo acabados», a Misericórdia, através do seu provedor Gil Vaz, procedeu-se ao pagamento integral do montante estabelecido pelos dois contratos previamente estabelecidos em total de 17.000 reais (ASCMS, L1MS, fl. 399). Ainda em maio deste mesmo ano, chega-nos uma última informação relativamente ao espaço da Misericórdia. O dado remete-nos para a doação testamental de Mateus Mendes, no valor 3.000 reais «para huns orgãos os quais se farião quando se acabasse as obras da dita Casa ou quando em essa os mandassem fazer» (ASCMS, L1MS, fl. 399v).

CONCLUSÃO

Em guisa de conclusão, as linhas que acabamos de traçar permitem dissipar por completo a questão de atribuição da obra de escultura a Nicolau de Chanterene e ao mesmo tempo a documentação remanescente clarifica outras questões inerentes a este espaço arquitetónico da vila do Sardeal, como seja: o portal e restante obra não data de 1511, mas sim dos anos cinquenta do século XVI; João de Castilho e a sua oficina são os responsáveis pela traça do edifício; o pedreiro responsável pela concretização da obra foi Lucas Fernandes, acabando este por reformular o projeto inicial do portal da igreja da Misericórdia de Sardeal.

FONTES

AMS (Arquivo Municipal do Sardeal), *Memórias restauradas do antigo lugar e villa do Sardeal*, manuscrito elaborado por Jacinto Serrão da Mota, 1754.

ANTT (Arquivo Nacional da Torre do Tombo), Chanc. de D. Duarte, liv. 1, fl. 132-133, in DIAS, J. J. A, coord., 1998: tomo 2: 61-63.

ANTT, *Leitura Nova*, liv. 3 da Estremadura, fl. 201-201v.

ASCMS (Arquivo da Santa Casa Misericórdia de Sardeal), L1MS (Livro primeiro da Misericórdia de Sardeal), fls. 83v - 84. (Pub. MATOS, João José de Lemos da Cunha (nota introdutória) (2010). *Livro Primeiro da Misericórdia de Sardeal*, Santa Casa da Misericórdia de Sardeal, Sardeal).

AUC (Arquivo da Universidade de Coimbra). III – 2ªD, Paroquia de São Tiago – Coimbra, Livro de Batismos (1510-1569).

BIBLIOGRAFIA

- CABRAL, António Machado de Faria de Pina (1932). Da instituição dos Registos Paroquiais em Portugal. In: Arqueologia e história. Lisboa, Vol. 10.
- CAMPOS, Eduardo (introd. crítica) (2002). Memória Histórica da Notável Vila de Abrantes para servir de começo aos Anais do Município. 3ª Ed. Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes.
- CORREIA, Vergílio (1949). Obras: estudos da história da arte: arquitectura. Vol. II, Coimbra.
- CÂNCIO, Francisco (1939). Ribatejo Histórico e Monumental. Coimbra. vol. III.
- COSTA, Giraldo Joaquim Maria da (1882). Esboço Chorographico do Sardoal. Lisboa.
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2004). Estratégias decorativas na arquitectura ao tempo de D. Manuel. In: III Congresso Histórico de Guimarães: D. Manuel e a sua época: actas. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães. vol. IV, pp. 57-70.
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2009). A Arquitectura “ao Romano”, Vila Nova de Gaia.
- DIAS, João José Alves, coord., (1998). Chancelarias portuguesas: D. Duarte. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova. Vol. I, tomo 2 (1435-1438).
- GOODOLPHIM, Costa (1897). As Misericórdias. Lisboa: Imprensa Nacional.
- GONÇALVES, Luís Manuel (1992). Sardoal do Passado ao Presente. Sardoal.
- MARKL, Dagoberto (1986). História da Arte em Portugal - O Renascimento, vol. 6, Lisboa.
- MATOS, João José de Lemos da Cunha (2010). Nota introdutória. In: Livro Primeiro da Misericórdia de Sardoal. Sardoal: Santa Casa da Misericórdia de Sardoal.
- MOLEIRINHO, Fernando Constantino (2000). Santa Casa da Misericórdia de Sardoal: a instituição e a sua actividade. Sardoal: Câmara Municipal.
- MORATO, Manuel António; Mota, João Valentim Fonseca (2002). *Memória Histórica da Notável Vila de Abrantes*. 3ª ed. [S. l.]: Câmara Municipal de Abrantes.
- OLEIRO, Diogo (1952). Abrantes Notas Históricas. S. L.: S.E.
- PAIVA, José Pedro (coord.) (2002). Portugaliae monumenta misericordiarum. Vol. 1: Fazer a história das misericórdias. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas.
- PAIVA, José Pedro (coord.) (2003). Portugaliae monumenta misericordiarum. Vol. 2: Antes da fundação das misericórdias. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas.
- PAIVA, José Pedro (coord.) (2004). Portugaliae monumenta misericordiarum. Vol. 3: A fundação das misericórdias: o Reinado de D. Manuel I. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas.
- PAIVA, José Pedro (coord.) (2005). Portugaliae monumenta misericordiarum - vol. 4: Crescimento e consolidação: de D. João III a 1580. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas.

PINHO, Joana Balsa (2013). *As casas da Misericórdia: As confrarias da Misericórdia e a arquitectura portuguesa quinhentista*. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949). *Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém*, vol. III, Lisboa.

SERRÃO, Vítor (1998). "Sobre a iconografia da Mater Omnium: a pintura de intuitos assistenciais nas Misericórdias durante o século XVI". In: *Oceanos*, n.º 35, Lisboa, Comissão nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, Julho/Setembro, pp. 134-144.

SERRÃO, Vítor (2011). "Iconografia da Mater Omnium na arte portuguesa: do culto do Espírito Santo ao de "Nossa Senhora da Misericórdia"(séculos XVI-XVIII) ". In: *A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no mundo de expressão portuguesa*. Porto: CEPESE, D.L. pp. 635-652.

SILVA, Joaquim Candeias (2000). *Abrantes – a vila e o seu termo no tempo dos Filipes*. Abrantes: Edições Colibri e Câmara Municipal de Abrantes.

SOUSA, António Soares de, *A Santa Casa da Misericórdia de Abrantes nos séculos XVI e XVII*. Coimbra: Tese de Licenciatura, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 1966.

VALENTE, Francisco (2002). *As bandeiras e painéis da Misericórdia de Sardoal*. Sardoal: Edição Câmara Municipal de Sardoal.